

1610

Vamos passear por uma estante improvável: “1610”. Não é uma sala comum de biblioteca; é um corredor-limiar, onde os livros parecem ter combinado entre si um ano de nascimento, como quem decide, por capricho, dividir o mesmo signo. Na prateleira mais alta, reluz um volume fino, de capa escura, que brilha como um fragmento de noite: ***Sidereus Nuncius***, o *Mensageiro das Estrelas*. Ao abri-lo, o leitor sente o cheiro de metal recém polido, como se o próprio telescópio estivesse a respirar entre as páginas. Quatro luas dançam em torno de Júpiter e, de repente, todo o cosmos parece ter desarrumado a casa: a Terra já não ocupa o centro do salão; somos convidados, não anfitriões.

1610, aqui, é menos um calendário do que um gesto. Ao lado do livrinho de Galileu, empilhados como vozes que se cruzam numa rua barulhenta, estão tratados, poemas e panfletos, alguns nascidos antes, outros depois, todos, porém, reclamando parentesco com aquele instante em que um tubo de vidro e latão obrigou o pensamento a piscar. Um tomo grosso murmura a palavra “**Razão de Estado**”; não importa que tenha surgido noutra década — o espírito que o anima encontra eco na mesma perplexidade: como governar quando o céu se move? A política olha para as estrelas e conclui, modestamente, que o poder precisa de novas balanças.

Mais adiante, alguém defende **atores** num pequeno livro inflamado: a existência do palco, dizem, também depende de instrumentos que ampliem a visão — não lentes, mas cenas. O teatro, invenção humana de mirar de perto o que a vida encena de longe, pede o direito de existir sem desculpas, como se respondesse ao telescópio: “se você aproxima o céu, nós aproximamos o coração”. A defesa é apaixonada, porque toda época de reorganização cósmica traz consigo fiscais da imaginação.

Um **anatomista** folheia ossos com dedos meticulosos; desenha clavículas como quem traça constelações íntimas. A pergamino e tinta, escreve, descreve, renomeia. Há o atrevimento de olhar o corpo com a mesma curiosidade devota com que se olha o firmamento. É um parentesco de métodos: medir, contar, comparar. Onde a fé se habituara a ver mistérios, o século começa a aceitar a nitidez do pormenor. Não é que o mistério acabe; ele apenas ganha topografia.

Entre essas vozes, o **barroco** entra como um anfitrião de festa grande: hipérboles, metáforas, arabescos. Um poeta italiano faz soar sílabas como sinos, convencido de que o mundo é uma câmara de ecos. Ele sorri para Galileu com um brinde: “se você multiplica luas, eu multiplico imagens”. Há quem o acuse de excesso; ele

responde que o excesso é a gramática da maravilha. E, de fato, 1610 tem esse gosto de sobremesa: doce, brilhante, ligeiramente vertiginosa.

No corredor ao lado, um **teólogo** ruma distinções metafísicas que soam, de início, distantes do telescópio. Mas, ouvindo bem, é a mesma música: como nomear substâncias, causas, essências, quando o céu — que serviu por séculos de mapa metafórico da ordem — de repente se revela mais móvel do que as parábolas permitiam? O teólogo não briga com a lente; tenta, antes, alargar as categorias para que caiba ali o espanto. Em 1610, pensar é cuidar da linguagem que pensa.

E há, ainda, a voz **pastoral**, portuguesa, amante de rios e serras, teimando que a vida, mesmo quando vira máquina de medir, continua campo de saudade. O pastor da página olha a vastidão com olhos miúdos, os mesmos que, numa noite sossegada, topariam com Júpiter e os seus satélites como quem encontra uma viola antiga pendurada no céu. A poesia, nesse instante, não é refúgio: é contrapeso. Diz ao mundo: “podes te mover à vontade; eu te acompanho cantando”.

A estante de 1610 é, no fundo, um teatro de transições. Cada lombada é um ator entrando em cena pela primeira vez, ajustando o figurino à luz nova. Talvez por isso tanto se fale aqui de **hierarquias**: dos anjos, dos saberes, dos poderes. Não para restabelecer degraus, mas para reordená-los. O que faz um mensageiro? Traz uma notícia e desarruma a casa. O que faz uma biblioteca? Transforma a desarrumação em mapa. 1610 é esse ano em que a notícia chegou: o céu tem vizinhanças; a Terra, não.

De vez em quando, um bibliotecário de luvas brancas passa espanador nas datas e suspira: “muitos desses livros juram ter nascido juntos; é o costume dos parentes por afinidade”. E eu entendo o que ele quer dizer. A literatura, a ciência, a teologia e a política nem sempre combinam aniversários, mas costumam combinar **clima**. O clima de 1610 é o do primeiro gole de um copo novo: estranha-se e delicia. Há algo de ameaça (como assim a Terra se move?) e algo de libertação (como é bom que a Terra se mova!).

Se me perguntarem por que uma simples luneta faz tanta bagunça, eu respondo: porque ela muda o **ângulo do espelho** onde a humanidade se via. Até então, o grande retrato de família tinha fundo imóvel; de repente, o fundo ganha vida, e percebemos que o quadro não era uma natureza-morta, mas uma cena em andamento. A partir dali, estudar o céu deixa de ser decifrar um vitral e passa a ser acompanhar um bailado. A física, a poesia, o direito e a anatomia — cada um a seu modo — recalibram os passos.

No fim do corredor, há uma mesa de madeira com marcas de compasso. Sobre ela, o bibliotecário deixou um bilhete: “**Cuidado ao datar o assombro**”. É um aviso

carinhoso. Os livros gostam de nos pregar peças; adoram travestir-se de contemporâneos, formar coro para que o leitor ouça melhor a música de um tempo. E nós, que entramos na biblioteca à procura de ordem, saímos com outra ambição: aprender a ler **afinidades**. Assim, 1610 vira menos um número e mais uma chave. Abre portas para séculos, convida a uma conversa onde o cálculo pede a palavra à metáfora, e a metáfora responde com rigor.

Quando fecho o *Mensageiro das Estrelas*, sinto que o quarto ficou um pouco mais iluminado. Talvez não pela luz que entra da janela, mas pela que se acende, silenciosa, no hábito de olhar. Se 1610 tem um segredo, ele é este: **ver** é um verbo que também se conjuga com coragem. Porque ver pode desmentir heranças, pode pôr reis em dúvida, pode dar ao artesão a dignidade de mestre e ao ator a seriedade de filósofo. Ver, naquela altura, era um pequeno escândalo — e um grande início.

Guardo, então, a lembrança do corredor como quem guarda uma fotografia antiga: há poeira, lombadas gastas, uma escada de mão, o bilhete do bibliotecário e, no centro, o pequenino livro de Galileu. O resto — tratados, defesas, poemas, anatomias — forma o coro. Cantam juntos uma canção para a qual, desde então, nunca mais deixamos de bater o compasso: no coração da noite, o humano ergue um instrumento, aponta para o distante e, com um sorriso meio incrédulo, diz apenas: “agora eu vejo”.

E seguimos vendo. Porque toda boa estante — e todo bom ano — é uma promessa de que o próximo passo será ainda mais nítido.